

ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS: REFLEXOS DA CONJUNTURA ECONÔMICO-SOCIAL NO PATRIMÔNIO DE UMA COOPERATIVA DE CRÉDITO – SICREDI OURO VERDE

Jair Antonio Fagundes*
Luis Augusto Coffi Lirio**
Clébia Ciupak***
Carlos Eduardo Facin Lavarda****

Sinopse: O objetivo deste artigo é analisar a influência de variáveis externas sobre as demonstrações contábeis, especificamente, evidenciar alguns acontecimentos econômicos, sociais e climáticos. Ao mesmo tempo, analisam-se as demonstrações contábeis do exercício de 2002 a 2006 da Cooperativa de Crédito Rural de Lucas do Rio Verde - Sicredi Ouro Verde e verifica-se qualitativamente o impacto das variáveis econômicas e climáticas sobre essas demonstrações. Para atingir esse objetivo estuda-se a base científica e teórica sobre a origem da contabilidade, os princípios fundamentais da contabilidade, a estrutura das demonstrações contábeis e a auditoria e análise de balanços. Na pesquisa das variáveis econômicas, sociais e climáticas, opta-se por avaliar o produto soja, base econômica do Município, compreendendo seu preço, produtividade, além do valor do dólar e do clima durante o período de investimento (plantio) e de produção (colheita). As demonstrações contábeis foram padronizadas para efetuar a análise por meio de índices e a análise vertical e horizontal. Verifica-se qualitativamente se as variáveis pesquisadas influenciaram os indicadores contábeis e o valor absoluto dos resultados. Os resultados da pesquisa demonstram que os acontecimentos sociais, econômicos e climáticos, influenciam as demonstrações contábeis, pois devido à conjuntura desfavorável das variáveis pesquisadas a partir do ano de 2004, os indicadores contábeis passaram a não ter o mesmo desempenho dos anos anteriores.

Palavras-chave: Análise das demonstrações contábeis. Variáveis externas, econômicas, sociais, climáticas. Indicadores.

* Doutorando em Contabilidade. Mestre em Contabilidade. Especialista em Finanças. Contador. Perito Judicial. Professor Universitário. (jair@fema.com.br).

** Contador. Especialista em Auditoria e Perícia. Empresário Contábil. (luis-cont@hotmail.com).

*** Mestre em Ciências Contábeis pela UNISINOS (2007). Coordenadora e professora do Curso de Ciências Contábeis da UNIC. Professora da UNEMAT. (clebia.ciupak@terra.com.br).

**** Doutor em Contabilidade. Mestre em Contabilidade. Especialista em Contabilidade. Contador. Professor Universitário. (clavarda@furb.br).

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo trata da análise das demonstrações contábeis, ferramenta que deve ser interpretada e direcionada para gestão de negócios. De uma forma simplificada, sua função é atender os mais diversos usuários, interessados na situação econômica e financeira de uma entidade. Conhecendo bem a técnica de análise de balanços, o contador passa a ser um especialista, que poderá apresentar propostas para as ações da Sicredi Ouro Verde, seja de forma técnica seja de forma gerencial, explorando e explicando as variações do patrimônio e do resultado econômico.

Como grande parte dos investidores em ações de sociedades de capital aberto procura na análise de balanços, informações para a decisão de aplicar ou não o seu capital em ações de determinadas companhias, há necessidade de se avaliar também um seguimento que está em ascensão, o Cooperativismo de Crédito. Diante desse contexto, pretende-se pesquisar alguns acontecimentos econômicos, sociais e climáticos na região do médio norte do Estado de Mato Grosso, na cidade de Lucas do Rio Verde. A finalidade é demonstrar se essas variáveis tiveram algum impacto nos resultados das demonstrações contábeis da Cooperativa de Crédito Rural de Lucas do Rio Verde - Sicredi Ouro Verde nos exercícios de 2002 a 2006, dado que a entidade está intimamente relacionada ao agronegócio, e o seu desempenho reflete a realidade da região onde está inserida.

A presente pesquisa tem a finalidade de contribuir com informações relevantes visando esclarecer o seguinte questionamento: Algumas variáveis econômicas, sociais e climáticas na região de Lucas do Rio Verde influenciam os resultados das demonstrações contábeis do Sicredi Ouro Verde, sob a ótica do princípio da continuidade? O objetivo geral é analisar a influência de variáveis externas sobre as demonstrações contábeis e traz os seguintes objetivos específicos: a) Evidenciar alguns acontecimentos econômicos, sociais e climáticos que possam influenciar as demonstrações contábeis; b) Analisar as demonstrações contábeis dos exercícios de 2002 a 2006 do Sicredi Ouro Verde; c) Verificar qualitativamente as variáveis econômicas, sociais e climáticas evidenciadas e seu impacto nas demonstrações contábeis.

O interesse pelo tema do presente estudo vem da grande expansão do Cooperativismo de Crédito no Estado de Mato Grosso, principalmente quanto ao número de Cooperados (associados), que representa 84% do total de sócios em todos os seguimentos Cooperativos do

Estado. Esses cooperados necessitam de informações sobre a saúde financeira da empresa, uma vez que, apesar de não visar lucros, oferece inúmeras vantagens para o associado, principalmente na disponibilidade de créditos. Dessa forma, a continuidade da entidade é fator essencial para o desenvolvimento social e econômico de seus sócios, bem como da sociedade onde ela atua.

1.1 METODOLOGIA

Para cumprir os objetivos desta pesquisa, a fase inicial foi de caráter exploratório, na qual foram coletadas informações julgadas necessárias para verificar algumas variáveis econômicas, sociais e climáticas na região de Lucas do Rio Verde que possam influenciar nos resultados das demonstrações contábeis do Sicredi Ouro Verde. Nesta fase, foi utilizado o método histórico, pois foram levantados dados do passado, nos anos de 2002 a 2006.

A pesquisa foi realizada nos canais de notícias 24Horas News, Só Notícias e no Jornal Folha Verde, que tem circulação exclusiva no Município de Lucas do Rio Verde. Foram coletados dados estatísticos na Prefeitura Municipal de Lucas do Rio Verde.

O levantamento bibliográfico tem por finalidade a exploração dos conceitos teóricos de contabilidade e suas técnicas de análise e auditoria. Teve como aporte teórico livros, artigos periódicos, jornais, revistas e material eletrônico (internet). Segundo Marion *et al.* (2002. p. 62), “[...] a pesquisa bibliográfica objetiva explicar um problema com base em contribuições teóricas publicadas em documentos (livros, revistas, jornais, etc.) e não por intermédio de relato de pessoas ou experimentos”. Após, efetuou-se a análise dos balanços, dando ênfase aos índices que refletem a continuidade da empresa, comparando se as variáveis pesquisadas tiveram alguma influência nos resultados das demonstrações contábeis analisadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentam-se os princípios fundamentais da contabilidade, seus conceitos, objetivos e normas, com ênfase ao Princípio da Continuidade. Em seguida, evidenciam-se as estruturas das demonstrações contábeis com conceitos, normas e modelos. Além disso, finalmente, a Análise de Balanço é contemplada também com seus conceitos, objetivos e indicadores.

2.1 PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA CONTABILIDADE

A medida que a contabilidade evoluiu como ciência, os princípios contábeis tornaram-se regras que passaram a ser seguidas e aceitas por todos e hoje constituem toda a teoria que sustenta e fundamenta a Contabilidade. Também conhecidos como Princípios Contábeis Geralmente Aceitos, os Princípios Fundamentais de Contabilidade representam a essência das doutrinas e teorias relativas à Ciência da Contabilidade, sendo imutáveis no tempo e espaço.

Nos Estados Unidos, país que primeiro procurou compilar os princípios contábeis (conhecidos pela sigla US-GAAP's), eles foram vistos durante um certo tempo como as premissas para um Sistema de Certificação e Avaliação. Posteriormente, foram o conjunto de fatores que separaria a Contabilidade americana em duas vertentes: contabilidade financeira (na qual deveria ser observado os princípios contábeis) e contabilidade gerencial (ramo em que os princípios poderiam não ser seguidos e que, por isso, poderia ser melhor traduzida também como administração contábil) (WIKIPÉDIA, 2000).

Attie (1998, p. 87) afirma que “[...] em cada uma das ciências, assim como em funções técnico-profissionais, são definidos certos princípios que servem como base para orientação e para a condução, de forma razoável, de determinados eventos”. Os princípios contábeis formam a estrutura para a elaboração das demonstrações financeiras, pois eles definem os critérios a serem adotados, facilitando a interpretação adequada pelos usuários, da composição patrimonial de uma entidade.

O Conselho Federal de Contabilidade (CFC) (2005) relata os Princípios que estão revestidos de universalidade e generalidade, elementos que caracterizam o conhecimento científico, proporcionando interpretação uniforme das demonstrações contábeis. De acordo com a Resolução nº 750/93, do Conselho Federal de Contabilidade (CFC), os Princípios Fundamentais de Contabilidade são: Entidade; Continuidade; Oportunidade; Registro pelo valor original; Atualização monetária; Competência e Prudência (CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE, 1993).

2.1.1 Princípio da Continuidade

A continuidade ou não da entidade, bem como sua vida definida ou provável, devem ser consideradas quando da classificação e avaliação das mutações patrimoniais, quantitativas e qualitativas. A Continuidade influencia o valor econômico dos ativos e, em muitos casos, o

valor ou o vencimento dos passivos, especialmente quando a extinção da entidade tem prazo determinado, previsto ou previsível. A observância do Princípio da Continuidade é indispensável à correta aplicação do Princípio da Competência, por efeito de se relacionar diretamente à quantificação dos componentes patrimoniais e à formação do resultado, e de constituir dado importante para aferir a capacidade futura de geração de resultado.

A continuidade da entidade deve ser observada pelos usuários das demonstrações contábeis, uma vez que a capacidade futura da entidade realizar suas operações adiciona valor ao negócio, criando credibilidade na captação de investidores, bem como em créditos de instituições financeiras. Paralisações, interrupções ou alteração da produção, problemas econômicos, mudanças na política governamental, acontecimentos naturais ou fortuitos, certamente acarretarão perda de valor para a entidade e necessitam assim, ser precisamente consideradas na avaliação do patrimônio.

A globalização e a velocidade do crescimento tecnológico fazem com que se tenha atenção redobrada na continuidade do negócio, uma vez que a entidade sofre o impacto de uma série de fatores internos e externos (conjunturais, tecnológicos, ambientais, etc.) que podem futuramente afetar a composição do seu patrimônio. O princípio da continuidade menciona que a empresa deve ser avaliada e estruturada na suposição de que a entidade nunca será extinta. As Demonstrações Contábeis são estáticas e não podem ser desvinculadas dos períodos anteriores e subsequentes, a vida da empresa é continuada (*going concern*), até circunstância esclarecedora em contrário. Seus ativos devem ser avaliados de acordo com a potencialidade que têm em gerar benefícios futuros para a empresa, na continuidade de suas operações, e não pelo valor que se poderia obter se fossem vendidos no estado em que se encontram (CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE, 1993).

2.2 ESTRUTURAS DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

Iudicibus (1998, p.38) afirma que “Relatório contábil é a exposição resumida e ordenada dos principais fatos registrados, em determinado período”. A Lei nº 6.404/76, Lei das Sociedades por Ações, determina que, ao final de cada exercício social, com base na escrituração contábil, a diretoria elaborará as seguintes Demonstrações Financeiras (ou Demonstrações Contábeis): (1) Balanço Patrimonial; (2) Demonstração do Resultado do Exercício; (3) Demonstração de Lucros ou Prejuízos Acumulados; (4) Demonstração de Origens e Aplicações de Recursos.

As Notas Explicativas representam complementação das Demonstrações Contábeis relacionadas, passando a fazer parte efetiva do conjunto de publicações. O Conselho Federal de Contabilidade (2005) cita a resolução CFC n° 686/90, que estabelece a Norma Brasileira de Contabilidade Técnica 3 (NBC T 3), a qual apresenta o conceito, o conteúdo, a estrutura e a nomenclatura das Demonstrações Contábeis, além das demonstrações previstas na Lei das Sociedades Anônimas a Mutação do Patrimônio Líquido. Neste trabalho, foca-se o Balanço Patrimonial e a Demonstração de Resultado do Exercício, por servirem de base para a maioria das análises, as quais serão vistas a seguir.

2.2.1 Balanço Patrimonial

Conforme Resolução n° 686/90, do Conselho Federal de Contabilidade (CFC) na NBC T 3.2, o balanço patrimonial é a demonstração contábil destinada a evidenciar, quantitativa e qualitativamente, em uma determinada data, a posição patrimonial e financeira da entidade.

O balanço patrimonial é constituído pelo ativo, pelo passivo e pelo patrimônio líquido.

O balanço compõe-se em três partes essenciais: ativo, passivo e patrimônio líquido. Cada uma dessas partes apresenta suas diversas contas classificadas em grupos, os quais, por sua vez, são dispostos em ordem decrescente de grau de liquidez para o ativo e em ordem decrescente de exigibilidade para o passivo (ASSAF NETO, 2006, p. 65).

Nesse sentido, Reis (2003) destaca que a apresentação do patrimônio se dá pelo demonstrativo denominado “balanço patrimonial”, no qual são evidenciadas as aplicações no ativo (bens e direitos) e as origens que possibilitaram essas aplicações, ou seja, o passivo (obrigações). Nota-se que o balanço patrimonial contempla a riqueza do patrimônio de uma entidade, representado por várias contas com finalidades distintas. A NBC T 3 estabelece que o conteúdo e a estrutura do Balanço Patrimonial serão assim representados:

- a) o ativo compreende as aplicações de recursos representadas por bens e direitos;
- b) o passivo compreende as origens de recursos representadas por obrigações;
- c) o Patrimônio Líquido compreende os recursos próprios da Entidade, ou seja, a diferença maior do ativo sobre o passivo. Na hipótese do passivo superar o ativo, a diferença denomina-se “Passivo a Descoberto”.

2.2.2 Demonstração do Resultado do Exercício

A Resolução nº 686/90 do Conselho Federal de Contabilidade conceitua em sua NBC T 3.3 a demonstração do resultado como sendo uma demonstração contábil destinada a evidenciar a composição do resultado formado em um determinado período de operações da entidade. Segundo Iudícibus (1998), a demonstração do resultado do exercício é um resumo ordenado das receitas e despesas da empresa em determinado período. De forma dedutiva é apresentada, ou seja, das receitas subtraem-se as despesas e, indica-se o resultado.

Reis (2003) destaca que a demonstração do resultado não deixa de ser uma origem e aplicação de recursos, em que as origens são representadas pelas receitas e as aplicações feitas em despesas. A demonstração do resultado, observado o princípio de competência, evidenciará a formação dos vários níveis de resultados mediante confronto entre as receitas, e os correspondentes custos e despesas.

Conforme a NBC T 3.3, o conteúdo e a estrutura da demonstração do resultado compreenderão: a) as receitas e os ganhos do período, independentemente de seu recebimento; b) os custos, despesas, encargos e perdas pagos ou incorridos, correspondentes a esses ganhos e receitas. A compensação de receitas, custos e despesas é vedada.

2.3 ANÁLISE DE BALANÇOS

Para que uma entidade seja analisada e essa análise espelhe a realidade econômica e financeira, será necessário que as demonstrações contábeis espelhem a real situação líquida e patrimonial da mesma. Nesse sentido, com a auditoria independente da entidade, o contabilista terá certeza de que os procedimentos, princípios e normas em vigor foram observados, dando suporte para a análise e interpretação dos relatórios.

2.3.1 Conceitos de Análise de Balanços

Por meio de documentos contábeis, ou seja, de demonstrações contábeis, Assaf Neto (2006, p. 55) afirma que as expressões “análise de balanços”, “análise das demonstrações/demonstrativos contábeis” e “relatórios financeiros” são sinônimas. Segundo o autor, a análise de balanços visa:

Relatar, com base nas informações contábeis fornecidas pelas empresas, a posição econômico-financeira atual, as causas que determinaram a evolução apresentada e as tendências futuras. Em outras palavras, pela análise de balanços extraem-se informações sobre a posição passada, presente e futura (projetada) de uma empresa (ASSAF NETO, 2006, p. 55).

Considerando ainda a necessidade de se conhecer a história da contabilidade, Iudícibus (1998, p. 17) declara que “[...] a necessidade de analisar demonstrações contábeis é pelo menos tão antiga quanto a própria origem de tais peças”. Pode-se considerar que a análise de balanços vem de encontro aos objetivos das entidades, pois, efetuam-se comparações, tendências de crescimento, que serão analisados ao longo do tempo.

A concorrência no mercado está cada vez mais disputada entre as grandes corporações, sendo que a entidade que busca independência, competitividade, maximização de lucros, deverá evidenciar a esse mercado a sua capacidade de geração de riqueza. A análise de balanço é uma ferramenta que dá suporte para discutir e analisar os vários objetivos que se possa ter.

Sá (1995, p. 24) afirma que:

O estudo da situação de uma parte, sistema de partes ou do todo patrimonial de uma empresa ou entidade, através da decomposição de elementos e levantamentos de dados que consistem em relações diversas que entre si possam ter tais elementos, visando-se a conhecer a realidade de um estado ou ajuizar os feitos de uma administração sob certo ponto de vista.

A partir desse conceito, pode-se verificar que a análise de balanços pode ser efetuada em partes, desde que se entenda o objetivo a ser atingido, seja no financeiro, na capacidade administrativa, na estrutura patrimonial, na rentabilidade, etc. Para Matarazzo (1998, p.16), “[...] a análise de balanços objetiva extrair informações das demonstrações financeiras para a tomada de decisões”. Nesse sentido, para Reis (2003, p. 108), a análise de balanço consiste na comparação de um grupo de valores ou valores isolados, permitindo extrair informações sobre os ritmos dos negócios e da situação econômico-financeira de uma entidade. Os próprios autores identificam a análise de balanços como um instrumento gerencial, que, por meio dos dados extraídos das demonstrações financeiras, gerará inúmeras informações, permitindo aos usuários (acionistas, financiadores, clientes, etc.) o controle e o planejamento de seus objetivos.

Nesse entendimento, Iudícibus (1998) relata que, com o surgimento em vários países dos bancos de desenvolvimento, a análise de balanços deu um grande impulso, pois, nos

projetos de financiamento, passou a ser exigida uma completa análise econômico-financeira. Com o desenvolvimento da economia mercado e a ampliação do acesso a participação acionária nas entidades, a análise de balanços tem ferramentas para contribuir com uma série de indicadores, demonstrando a sua importância nesse contexto, devido à qualidade e à extensão das informações que poderão ser geradas.

2.3.2 Técnicas de Análise de Balanços

Para Reis (2003), a análise das demonstrações contábeis abrange o aspecto estático e o dinâmico: (1) aspecto estático: não há preocupação com o passado ou com o futuro, é como a entidade se apresenta em determinado momento; (2) aspecto dinâmico: compara anos atuais com anos anteriores, possibilita verificar a evolução futura e o ritmo de seu negócio.

Assaf Neto (2006) apresenta as principais técnicas de análise de balanços:

- Análise por meio de índices: procura relacionar elementos para uma melhor conclusão da situação da empresa e está classificada nos seguintes grupos: liquidez, operacional, rentabilidade, endividamento e estrutura, análise de ações e geração de valor.
- Análise horizontal: identifica, ao longo de um determinado período de tempo, a evolução dos diversos elementos patrimoniais. Permite avaliar a evolução das vendas, custos e despesas; os investimentos realizados: a evolução das dívidas; etc. Compara o valor de determinada conta ou de determinado grupo de contas em relação aos anos anteriores.
- Análise vertical: objetiva basicamente o estudo da tendência da empresa, complementando as informações horizontais. Permite conhecer a estrutura econômica e financeira da empresa, ou seja, a participação relativa a cada elemento patrimonial e de resultados. Procura obter o valor percentual de cada conta ou de cada grupo de contas, em relação ao valor total do demonstrativo, ou, ainda, de cada conta em relação ao total de seu grupo de conta.

Segundo Matarazzo (1998), no Brasil, as constantes alterações nos procedimentos contábeis em função da legislação fiscal, comercial, bem como a dinâmica da economia brasileira desestimulam não tem estimulado os analistas a utilizarem mais frequentemente as técnicas de análise vertical e horizontal.

2.3.3 Análise por meio de Índices

Segundo Matarazzo (1998, p. 153), “Índice é a relação entre a conta e o grupo de contas das demonstrações financeiras, que visa evidenciar determinado aspecto da situação econômica ou financeira de uma empresa”. Dessa forma, a análise por meio de índices permite comparar elementos patrimoniais entre si, fornecendo uma visão mais ampla da situação da entidade do que cada um dos componentes do patrimônio fosse analisado individualmente.

Os índices que evidenciam os aspectos da situação financeira e os da situação econômica que são assim representados são os seguintes: a) situação financeira – estrutura de capitais e liquidez; b) situação econômica – rentabilidade.

Segundo Matarazzo (1998, p. 189), para “[...] a realização da análise das demonstrações contábeis devem-se levar em consideração os mais diversos fatores da empresa como: as influências externas e internas, a política e perfil da administração, o planejamento estratégico, entre outros”. Nesse sentido, o analista deverá ter conhecimento das técnicas de análise, da estruturação e demonstração contábil, para que possa interpretar e relatar a análise, enfim, atingir os objetivos dos conceitos estudados neste capítulo.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, efetua-se uma seleção com base na realidade econômica e social do Município de Lucas do Rio Verde, Estado de Mato Grosso, de algumas variáveis econômicas, sociais e climáticas, que possam influenciar nos resultados das Demonstrações Contábeis.

Em seguida, realiza-se a padronização e a transcrição do Balanço Patrimonial e da Demonstração do Resultado do Exercício da Cooperativa de Crédito Rural de Lucas do Rio Verde – Sicredi Ouro Verde, para realizar as análises, seguindo a teoria e os conceitos deste estudo. E, por fim, por meio de gráficos, realizaram-se as comparações das variáveis evidenciadas com a análise do Balanço Patrimonial e Demonstração do Resultado do Exercício nos períodos de 2002 a 2006.

3.1 ALGUMAS VARIÁVEIS ECONÔMICAS, SOCIAIS E CLIMÁTICAS DO MUNICÍPIO DE LUCAS DO RIO VERDE

Segundo a Prefeitura Municipal de Lucas do Rio Verde, a agricultura do Município desponta como uma das mais eficientes do mundo e foi fundamental para que rapidamente se firmasse entre os mais importantes pólos do agronegócio de Mato Grosso e do país (LUCAS DO RIO VERDE, 2006). O Município é responsável por 1% de toda produção brasileira de grãos, embora sua área ocupe apenas 0,04% do território nacional. A soja é o principal item dos produtos primários, porém, ainda se destacam os cultivos de algodão, arroz e, principalmente, o de milho de segunda safra, cuja participação, em torno de 10% no volume da produção nacional, confere ao Município o título de campeão do setor.

Diante desse contexto, optou-se por avaliar as variações do produto soja, por ser a base da economia do Município, nos períodos de plantio, quando há os investimentos, na colheita do produto, quando há a geração de produção e receitas. Outras variáveis pesquisadas foram o dólar comercial, pois o referido produto tem cotação internacional, e o índice pluviométrico durante o período do plantio e da colheita. O Quadro 2 representa as variáveis pesquisadas, cujas fontes estão abaixo especificadas.

Os períodos de plantio e de colheita foram definidos, de acordo com a pesquisa efetuada nos portais de notícias Só Notícias (2007), 24Horas News (2007) e Jornal Folha Verde (2004, 2005, 2006 e 2007), bem como o índice pluviométrico no período de plantio no ano de 2004, o preço da soja e a variação cambial.

Quadro 1
Variáveis Pesquisadas

VARIÁVEIS	2002	2003	2004	2005	2006
1- Dólar do dia 31 de dezembro R\$	3,533	2,889	2,654	2,34	2,138
2- Dólar médio no período do plantio da soja R\$	3,582	2,898	2,844	2,254	2,158
3- Dólar médio no período da colheita da soja R\$	2,38	3,491	2,895	2,669	2,197
4- Preço médio da soja durante o plantio R\$	33,82	38,38	29,62	22,29	19,53
5- Preço médio da soja durante a colheita R\$	16,62	33,56	38,71	24,44	17,9
6- Produtividade média por hectare- soja (kg)	3.300	3.480	2.946	3.120	3.000
7-Índice pluviométrico no período do plantio da soja (mm)	561,5	686,3	494,3	340,9	811,8
8-Índice pluviométrico no período da colheita da soja (mm)	1070,5	1020,7	1549,9	1059,7	516,4

1 - Dólar comercial de 31 de dezembro de cada ano. (BANCO CENTRAL DO BRASIL. 2007).

2 - Dólar comercial, compreendendo o período de setembro a novembro de cada ano. (BANCO CENTRAL DO BRASIL. 2007).

3 - Dólar comercial, compreendendo o período de janeiro a março de cada ano. (BANCO CENTRAL DO BRASIL. 2007).

4 - Preço da soja comercial, referente ao período de setembro a novembro de cada ano. (SÓ NOTÍCIAS (2002, 2003, 2004, 2005 e 2006), 24HORAS NEWS (2002, 2003, 2004, 2005 e 2006)).

5 - Preço da soja comercial, referente ao período de janeiro a março de cada ano. (SÓ NOTÍCIAS (2002, 2003, 2004, 2005 e 2006), 24HORAS NEWS (2002, 2003, 2004, 2005 e 2006)).

6 - Produtividade média por hectare, produto soja, em Quilogramas. (LUCAS DO RIO VERDE. 2002, 2003, 2004, 2005 e 2006).

7 - Índice pluviométrico, compreendendo o período de setembro a novembro de cada ano. (SÓ NOTÍCIAS (2002, 2003, 2004, 2005 e 2006), 24HORAS NEWS (2002, 2003, 2004, 2005 e 2006)).

8 - Índice pluviométrico do Município, compreendendo o período de janeiro a março de cada ano. ((SÓ NOTÍCIAS (2002, 2003, 2004, 2005 e 2006), 24HORAS NEWS (2002, 2003, 2004, 2005 e 2006)).

Fonte: Elaborado pelos autores.

3.2.2 Análise Vertical e Horizontal

A análise horizontal identifica a evolução de diversos elementos patrimoniais em um período de tempo. Em contrapartida, a análise vertical obtém o valor percentual de cada elemento patrimonial e de seu resultado.

Nos Quadros 2 e 3 estão sistematizadas as Análises Horizontal e Vertical do Balanço Patrimonial e do Demonstrativo de Resultado do Exercício, respectivamente.

Quadro 2

Balanco Patrimonial: Análise Vertical e Horizontal

BALANÇOS ENCERRADOS EM:	31/12/2002			31/12/2003			31/12/2004			31/12/2005			31/12/2006		
ATIVO	VALOR R\$	AV	AH	VALOR R\$	AV	AH	VALOR R\$	AV	AH	VALOR R\$	AV	AH	VALOR R\$	AV	AH
Ativo Circulante	21.695.959	81%	100	27.424.414	81%	126	36.164.273	79%	167	44.295.496	84%	204	73.981.568	82%	341
Disponibilidades	5.032.429	19%	100	4.668.046	14%	93	125.017	0%	2	141.713	0%	3	341.174	0%	7
Títulos e Valores Mobiliários	396.836	1%	100	769.617	2%	194	1.068.549	2%	269						
Relações Interfinanceiras	71.392	0%	100	75.871	0%	106	6.507.420	14%	9.115	11.424.358	22%	16.002	24.521.677	27%	34.348
Operações de Crédito	17.109.560	64%	100	21.968.470	65%	128	30.228.713	66%	177	38.026.053	72%	222	52.468.043	58%	307
(-) Provisão Crédito Liq. Duvidosa	(1.411.487)	-5%	100	(1.193.774)	-4%	85	(2.315.743)	-5%	164	(5.938.854)	-11%	421	(6.783.492)	-8%	481
Outros Créditos	507.239	2%	100	1.123.895	3%	222	449.378	1%	89	594.095	1%	117	2.890.801	3%	570
(-) Provisão Crédito Liq. Duvidosa	(63.426)	0%	100	(99.011)	0%	156	(89.665)	0%	141	(62.236)	0%	98	(62.893)	0%	99
Outros Valores e Bens	53.416	0%	100	111.300	0%	208	190.604	0%	357	110.367	0%	207	606.258	1%	1.135
Realizável a Longo Prazo	2.439.111	9%	100	2.981.476	9%	122	2.900.642	6%	119	1.527.545	3%	63	8.079.683	9%	331
Operações de Crédito	2.557.524	10%	100	2.882.273	8%	113	2.961.839	7%	116	2.116.071	4%	83	9.560.119	11%	374
(-) Provisão Crédito Liq. Duvidosa	(118.413)	0%	100	(133.449)	0%	113	(121.593)	0%	103	(660.030)	-1%	557	(1.750.566)	-2%	1.478
Outros Créditos			100	232.652	1%	-	60.396	0%	-	71.504	0%	-	270.130	0%	
Permanente	2.597.377	10%	100	3.553.862	10%	137	6.473.559	14%	249	6.782.086	13%	261	8.366.838	9%	322
Investimentos	1.713.519	6%	100	2.578.250	8%	150	3.650.195	8%	213	3.650.195	7%	213	4.228.489	5%	247
Imobilizado em Uso	872.551	3%	100	943.454	3%	108	2.764.423	6%	317	2.828.900	5%	324	3.668.983	4%	420
Ativo Adiferido	11.307	0%	100	32.158	0%	284	58.941	0%	521	302.991	1%	2.680	499.366	1%	4.151
TOTAL ATIVO	26.732.447	100%	100	33.959.752	100%	127	45.538.474	100%	170	52.605.127	100%	197	90.428.089	100%	338
PASSIVO	VALOR R\$	AV	AH	VALOR R\$	AV	AH	VALOR R\$	AV	AH	VALOR R\$	AV	AH	VALOR R\$	AV	AH
Passivo Circulante	14.578.466	55%	100	15.277.806	45%	105	22.811.581	50%	156	27.182.595	52%	186	55.212.308	61%	379
Depósitos	10.781.939	40%	100	10.877.412	32%	101	13.292.039	29%	123	16.932.865	32%	157	35.856.849	40%	333
Relações Interfinanceiras	1.552.552	6%	100	2.421.779	7%	156	6.272.032	14%	404	5.566.122	11%	359	12.152.700	13%	783
Relações de Interdependência	312.515	1%	100	100.423	0%	32	-	-	-	472.968	1%	151	1.079.135	1%	345
Obrigações p/ Empréstimos e Repasse	755.935	3%	100	48.352	0%	6	966.027	2%	128	1.596.504	3%	211	2.111.110	2%	279
Outras Obrigações	1.175.515	4%	100	1.829.840	5%	156	2.281.463	5%	194	2.614.136	5%	222	4.012.514	4%	341
Passivo Exigível a Longo Prazo	127.815	0%	100	1.068.807	3%	836	606.531	1%	475	-	0%	-	1.001.381	1%	783
Obrigações p/ Empréstimos e Repasse	127.815	0%	100	1.068.807	3%	836	606.531	1%	475	-	0%	-	1.001.381	1%	783
CAPITAIS DE TERCEIROS	14.706.271	55%	100	16.346.613	48%	111	23.418.112	51%	159	27.182.595	52%	185	56.213.689	62%	382
Patrimônio Líquido	12.026.176	45%	100	17.613.139	52%	146	22.120.362	49%	184	25.422.532	48%	211	34.214.400	38%	284
Capital Social	6.421.855	24%	100	8.433.519	25%	131	11.702.027	26%	182	13.942.762	27%	217	19.029.030	21%	296
Reserva de Capital	5.326	0%	100	5.326	0%	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Reserva de Reavaliação	9.674	0%	100	9.674	0%	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Reserva de Lucros	4.177.763	16%	100	6.574.535	19%	157	8.408.867	18%	201	9.899.879	19%	237	13.032.520	14%	312
Sobras ou Perdas Acumuladas	1.411.558	5%	100	2.590.085	8%	183	2.009.468	4%	142	1.579.871	3%	112	2.152.850	2%	153
TOTAL PASSIVO	26.732.447	100%	100	33.959.752	100%	127	45.538.474	100%	170	52.605.127	100%	197	90.428.089	100%	338

Fonte: Adaptado do Jornal Folha Verde (2002, 2003, 2004, 2005 e 2006).

3.2.2.1 Balanço patrimonial

O Ativo Total da empresa em termos reais cresceu 238%, de 31/12/2002 a 31/12/2006, sendo sua maior expansão no último período, quando teve um crescimento de 72% em relação à 31/12/2005. Tal crescimento deve-se ao Ativo Circulante que representa 82% do total do ativo e teve um crescimento de 241%. Nota-se que a estrutura do ativo da empresa pouco se altera, pois, os recursos investidos no Ativo Circulante encontravam-se: 81% em 2002, 81% em 2003, 79% em 2004, 84% em 2005 e 82% em 2006.

O Passivo Circulante foi quem financiou basicamente a expansão do Ativo Circulante, pois, em 2002, representava 55% do Passivo Total: em 2003, 45%; em 2004, 50%; em 2005, 52%; subindo para 61% em 2006, formando-se no grupo principal de financiamento do último ano. O Patrimônio Líquido que fornecia, em 2002, 45% dos recursos, passou a fornecer 52% em 2003, 49% em 2004, 48% em 2005, caindo para 38% em 2006. Como a empresa tem pouco financiamento a longo prazo, essa queda no Patrimônio Líquido se reflete no aumento

dos recursos a curto prazo para financiar seu Ativo Circulante. Os Capitais de Terceiros cresceram 282%, enquanto o ativo cresceu 238%, em virtude da queda do Capital Próprio (Patrimônio Líquido), que cresceu 184%. Percebe-se que a empresa investiu fortemente no Ativo Circulante, esta expansão financiada por Capitais de Terceiros a curto prazo. Sua situação financeira é satisfatória, pois, apesar de, no ano de 2003, apresentar um índice alto de Capital Próprio (Patrimônio Líquido) financiando seu Ativo Circulante, tem, nos anos seguintes, uma parcela considerável de Recursos Próprios financiando o Ativo Circulante, como mostra o Índice de Imobilização de Patrimônio Líquido estudado.

Quadro 3

Demonstração do Resultado do Exercício: Análise Vertical e Horizontal

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO	31/12/2002			31/12/2003			31/12/2004			31/12/2005			31/12/2006		
	VALOR R\$	AV	AH	VALOR R\$	AV	AH	VALOR R\$	AV	AH	VALOR R\$	AV	AH	VALOR R\$	AV	AH
Ingressos e Receitas da Intermed. Financeira	4.341.028	100%	100	6.618.521	100%	152	8.151.850	100%	188	11.041.139	100%	254	16.277.143	100%	375
Dispêndio e Despesas da Intermed. Financeira	(1.560.714)	-36%	100	(918.797)	-14%	59	(2.620.330)	-32%	168	(5.724.237)	-52%	367	(3.802.667)	-23%	244
Resultado Bruto da Intermediação Financeira	2.780.314	64%	100	5.699.724	86%	205	5.531.520	68%	199	5.316.902	48%	191	12.474.476	77%	449
Outros Ingr. e Receitas/Dispêndios e Despesas Operacional	132.610	3%	100	(192.432)	-3%	(-)	(674.749)	-8%	(-)	(953.635)	-9%	(-)	(5.083.072)	-31%	(-)
Resultado Operacional	2.912.924	67%	100	5.507.292	83%	189	4.856.771	60%	167	4.363.267	40%	150	7.391.404	45%	254
Resultado Não Operacional	55.465	1%	100	15.431	0%	28	(26.212)	0%	(-)	(16.919)	0%	(-)	(186.624)	-1%	(-)
Resultado Antes da Tributação	2.968.389	68%	100	5.522.723	83%	186	4.830.559	59%	163	4.346.348	39%	146	7.204.780	44%	243
Imposto de Renda e Contribuição Social	(42.330)	-1%	100	(92.527)	-1%	219	(263.402)	-3%	622	(439.073)	-4%	1.037	(613.069)	-4%	1.448
Sobras ou Perdas Antes das Destinações	2.926.059	67%	100	5.430.196	82%	186	4.567.157	56%	156	3.907.275	35%	134	6.591.711	40%	225

Fonte: Adaptado do Jornal Folha Verde (2002, 2003, 2004, 2005 e 2006).

3.2.2.2 Demonstração do resultado do exercício

Os Ingressos e Receitas tiveram uma grande expansão, o crescimento real foi de 275% no período. Os Dispêndios e Despesas da Intermediação Financeira tiveram grandes oscilações, tendo como melhor desempenho o ano de 2003, onde representava 14% da absorção das receitas. O Lucro Bruto que teve um crescimento de 349% no período, em 2002 respondia por 64% das receitas, passou para 86% em 2003, 68% em 2004, 48% em 2005 e 77% em 2006. Nota-se que, no ano de 2005, o Lucro Bruto foi afetado devido à elevação dos dispêndios e da intermediação financeira, que representava 52% da receita.

Já o Resultado Operacional cresceu 154%, bem abaixo do Lucro Bruto, resultado este que foi afetado pelo crescimento dos dispêndios e despesas operacionais. Enquanto, no ano de 2002, tinha outros ingressos e receitas que representavam 3% das receitas totais, em 2006 passou a consumir 31% das receitas. Conforme o estudo do índice da Margem Líquida, as sobras que representavam 67% das receitas em 2002, passaram para 82% em 2003, 56% em 2004, 35% em 2005 e 40% em 2006, ou seja, em 2006 reduziu mais da metade que havia alcançado em 2003, confirmando-se a queda da rentabilidade da empresa.

O Quadro 4 apresenta um resumo de todos os indicadores contábeis evidenciados neste capítulo, bem como todas as variáveis pesquisadas. Nota-se, no Quadro 4, que, no ano de 2003, quando as variáveis pesquisadas eram favoráveis, ou seja, apresentavam bom preço do produto, produtividade excelente, dólar valorizado no período da colheita, índice pluviométrico estável na colheita da soja, os indicadores contábeis foram os melhores do período pesquisado. Verifica-se, no ano de 2003, a queda nos índices de estruturas de capitais, ou seja, nos indicadores de participação de capitais de terceiros, composição de endividamento e a imobilização do patrimônio líquido, o que é um ponto positivo. O aumento nos índices de liquidez foi notório, pois demonstra a capacidade de honrar compromissos. Da mesma forma, houve o aumento dos indicadores de rentabilidade, demonstrando que o capital investido foi bem empregado.

Pode-se considerar que, em 2004, apesar de ter o melhor preço do período do produto soja na colheita, a produtividade sofreu queda, as chuvas na colheita foram excessivas e o dólar começa sua trajetória de queda. Notam-se as variações desfavoráveis dos indicadores contábeis, aumento nos índices de estruturas de capitais, queda nos indicadores de liquidez e rentabilidade. No ano de 2005, entre as variáveis pesquisadas, somente a produtividade não teve queda, mas seu aumento foi pouco em relação ao número que possuía em 2003; no entanto, nos indicadores contábeis houve algumas variações positivas e negativas. Nas estruturas de capitais, os indicadores de Imobilização do Patrimônio Líquido e Imobilização de Recursos Não Corrente tiveram queda. Nos índices de liquidez, houve uma pequena melhora. Já na rentabilidade, somente o Giro do Ativo melhorou.

Quadro 4
Indicadores Contábeis e Variáveis Pesquisadas

Indicadores Contábeis e variáveis pesquisadas	2002	2003	2004	2005	2006
Participação de Capitais de Terceiros: CT/PL	122	93	106	107	164
Composição do Endividamento: PC/CT	99	93	97	100	98
Imobilização do Patrimônio Líquido: AP/PL	22	20	29	27	24
Imobilização dos Recursos Não Correntes: AP/PL+ELP	21	19	28	27	24
Liquidez Geral: LG	1,64	1,86	1,67	1,69	1,46
Liquidez Corrente: LC	1,49	1,8	1,59	1,63	1,34
Liquidez Seca: LS	1,49	1,8	1,59	1,63	1,34
Giro do Ativo: V/AT	0,16	0,19	0,18	0,21	0,18
Margem Líquida: LL/V	67	82	56	35	40
Rentabilidade do Ativo: LL/AT	11	16	10	7	7
Rentabilidade do Patrimônio Líquido: LL/PL	28	37	23	16	22
Resultado do Exercício R\$	2.926.059	5.430.196	4.567.157	3.907.276	6.591.711
<i>Dólar do dia 31 de dezembro R\$</i>	<i>3,533</i>	<i>2,889</i>	<i>2,654</i>	<i>2,34</i>	<i>2,138</i>
<i>Dólar médio no período do plantio da soja R\$</i>	<i>3,582</i>	<i>2,898</i>	<i>2,844</i>	<i>2,254</i>	<i>2,158</i>
<i>Dólar médio no período da colheita da soja R\$</i>	<i>2,38</i>	<i>3,491</i>	<i>2,895</i>	<i>2,669</i>	<i>2,197</i>
<i>Preço médio da soja durante o plantio R\$</i>	<i>33,82</i>	<i>38,38</i>	<i>29,62</i>	<i>22,29</i>	<i>19,53</i>
<i>Preço médio da soja durante a colheita R\$</i>	<i>16,62</i>	<i>33,56</i>	<i>38,71</i>	<i>24,44</i>	<i>17,9</i>
<i>Produtividade média por hectare- soja (kg)</i>	<i>3.300</i>	<i>3.480</i>	<i>2.946</i>	<i>3.120</i>	<i>3.000</i>
<i>Índice pluviométrico no período do plantio da soja (mm)</i>	<i>561,5</i>	<i>686,3</i>	<i>494,3</i>	<i>340,9</i>	<i>811,8</i>
<i>Índice pluviométrico no período da colheita da soja (mm)</i>	<i>1.070,50</i>	<i>1.020,70</i>	<i>1.549,90</i>	<i>1.059,70</i>	<i>516,4</i>

Fonte: Elaborado pelo autores.

Para tanto, no ano de 2006, entre as variáveis, só não houve queda no índice pluviométrico durante o plantio, que foi o maior do período. Quanto aos indicadores contábeis, nota-se um aumento na participação do capital de terceiros, os índices de liquidez têm o pior desempenho do período, e a rentabilidade melhora na margem líquida e na rentabilidade do patrimônio líquido. Quanto ao resultado, seu valor absoluto teve o melhor desempenho em 2006: todavia, ressalta-se que a margem líquida, a rentabilidade do ativo e a rentabilidade do patrimônio líquido não tiveram um bom desempenho em relação aos anos anteriores, pois, seus indicadores só foram melhores que o ano de 2005, quando o resultado foi 40% menor que o ano de 2006.

4 CONCLUSÃO

Durante o desenvolvimento deste estudo, tornou-se evidente a relevância da Análise das Demonstrações Contábeis como ferramenta gerencial e de auditoria para as entidades, pois, ela propicia aos gestores tendências, por meio de uma avaliação do passado tendências para tomadas de decisões com relação ao futuro. Daí a convincente importância dos responsáveis pelas decisões nas empresas terem conhecimento das Demonstrações Contábeis e sua análise, para que sejam determinados os corretos investimentos e financiamentos, visando maximizar o patrimônio dos sócios.

Em decorrência da crise socioeconômica que se instaurou no agronegócio a partir do ano de 2004, considerando que a economia do Município de Lucas do Rio Verde hoje é essencialmente agrícola, surge a necessidade de avaliação mais detalhada do impacto que ocorreu nas Demonstrações Contábeis das entidades ligadas ao agronegócio. Diante do exposto, este estudo foi norteado pelo princípio contábil da continuidade para acompanhar como provavelmente se desenvolveram as operações da entidade pesquisada, em que foram levadas em consideração algumas influências externas que possam afetar a continuidade de sua atividade operacional. Assim, apresentam-se as conclusões relativas ao estudo baseado no problema de pesquisa, bem como nos objetivos específicos estipulados.

O objetivo específico A evidenciou alguns acontecimentos econômicos, sociais e climáticos que possam influenciar nas Demonstrações Contábeis. Levou-se em consideração a realidade econômica e social do Município de Lucas do Rio Verde na qualificação das variáveis pesquisadas. Optou-se por avaliar o principal produto, a commodity soja, que representa a maior riqueza gerada no Município, compreendendo as variações de preço, produtividade, condições do clima e a variação cambial durante o período de investimento e de produção.

O objetivo específico B analisou as demonstrações contábeis dos exercícios de 2002 a 2006 do Sicredi Ouro Verde, evidenciando os aspectos da situação financeira e os da situação econômica, por meio dos índices de estrutura de capitais, liquidez e rentabilidade, bem como, da análise dos resultados em termos de valor absoluto e percentual.

O objetivo específico C verificou qualitativamente o impacto das variáveis econômicas, sociais e climáticas nos resultados das demonstrações contábeis, por meio da comparação entre as mutações dos indicadores contábeis da Análise do Balanço, com as variáveis pesquisadas.

Quanto à questão norteadora do estudo, conclui-se que os acontecimentos econômicos, sociais e climáticos influenciam os resultados e variações do patrimônio da organização pesquisada, pois, diante da avaliação qualitativa apresentada, verificou-se que na conjuntura desfavorável das variáveis pesquisadas, a partir do ano de 2004, os indicadores contábeis passaram a não ter o mesmo desempenho que tiveram no ano de 2003.

O Quadro 5 identifica a queda dos indicadores de capacidade de pagamento das dívidas da empresa, ou seja, a Liquidez Geral chegou ao final do ano de 2006 com uma redução de 21,5 % em relação ao ano de 2003; também a Liquidez Corrente e Liquidez Seca tiveram uma redução de 25,5%, podendo ser este resultado um sinal de alerta em relação à continuidade da entidade.

Vale destacar também, como um fato importante para essa variação significativa, tanto do Índice de Liquidez Geral como do Índice de Liquidez Corrente, a incorporação da Cooperativa de Crédito Rural Ouro Verde em 2006 pela Cooperativa de Crédito Rural de Lucas do Rio Verde. A incorporada apresentava um índice de Liquidez Geral de 1,11 e índice de Liquidez Corrente de 1,08, fato que pode ter contribuído para a queda destes índices da incorporadora, 1,46 e 1,34 respectivamente.

No ano de 2003, como todos os indicadores contábeis tiveram crescimento em relação ao ano de 2002, bem como as variáveis pesquisadas apresentaram um desempenho favorável, tornou-se nula a análise que possa afetar o Princípio da Continuidade. Os indicadores contábeis que tiveram maior impacto foram os seguintes:

Quadro 5
Indicadores de Capacidade de Pagamento das Dívidas

Descrição	2002	2003	2004	2005	2006
Liquidez Geral	1,64	1,86	1,67	1,69	1,46
Liquidez Corrente	1,49	1,80	1,59	1,63	1,34
Liquidez Seca	1,49	1,80	1,59	1,63	1,34

Fonte: Elaborado pelos autores

- a) Participação de Capitais de Terceiros – A empresa necessitou de um volume maior de capital de terceiros para financiar o seu ativo, sendo as variáveis de maior impacto o dólar de 31/12, o dólar plantio, o dólar colheita, o preço da soja plantio e as chuvas no plantio.

- b) Rentabilidade do Ativo – A empresa teve redução no seu poder de capitalização, afetado pela queda da margem líquida, em que todas as variáveis tiveram o mesmo peso.
- c) Margem Líquida – A empresa teve queda em sua margem de lucro. Verifica-se o aumento das despesas e dispêndios operacionais na análise vertical e horizontal do resultado: todavia, a variável “chuva na colheita” teve o menor impacto, as outras tiveram o mesmo peso.
- d) Rentabilidade do Patrimônio Líquido – Mostra a queda na taxa de rendimento do capital próprio que acompanha os demais indicadores de rentabilidade e o mesmo impacto das variáveis que o indicador de margem líquida.
- e) Liquidez Corrente – Queda no indicador a partir do ano de 2003. Nota-se que a empresa captou bem mais recursos a curto prazo para investir em seu Ativo Circulante, uma vez que ele cresceu 241,0 %, enquanto o Passivo Circulante cresceu 279%, sendo a variável “preço da soja colheita” a de menor impacto; as demais tiveram o mesmo peso.
- f) Liquidez Geral – A queda de 21,5 % em relação ao ano de 2003 deve-se ao crescimento do Passivo Circulante, quando o peso das variáveis acompanha o da liquidez corrente.
- g) Liquidez Seca – Acompanha o índice de Liquidez Corrente.
- h) Composição do Endividamento – Apesar de haver variações, o perfil da dívida da empresa é a curto prazo em sua grande parte. As variáveis de menor impacto foram: “preço da soja colheita” e “chuvas colheita”, as outras tiveram a mesma avaliação.
- i) Resultado do Exercício – No ano de 2006, o resultado foi o melhor em termos de valor absoluto (R\$ 6.591.711); no entanto, não foi o ano que teve melhores indicadores de rentabilidade (Giro do Ativo = 0,18; Margem Líquida = 40 Rentabilidade do Ativo = 7; Rentabilidade do PL = 22). Sendo as variáveis de maior reflexo: dólar 31/12, dólar plantio, dólar colheita, preço da soja plantio, preço da soja colheita e chuvas no plantio.

A seguir, apresentam-se os indicadores que tiveram menor impacto.

- a) Giro do Ativo – As receitas cresceram 275% e o ativo 238%, ou seja, houve um menor impacto das variáveis nesse indicador. As variáveis dólar 31/12, dólar plantio, dólar colheita, preço da soja plantio foram as de maior relevância.

- b) Imobilização do Patrimônio Líquido – A empresa teve Capital Circulante Próprio para financiar seu Ativo Circulante. (R\$ 9.428.799 em 2002, R\$ 14.059.277 em 2003, R\$ 15.646.803 em 2004, R\$ 18.640.446 em 2005 e R\$ 25.847.562 em 2006). Todas as variáveis representaram o mesmo impacto.
- c) Imobilização dos Recursos Não Correntes – O Capital Circulante líquido financia o seu Ativo Circulante. (R\$ 9.556.614 em 2002, R\$ 15.128.084 em 2003, R\$ 16.253.334 em 2004, R\$ 18.640.446 em 2005 e R\$ 26.848.943 em 2006). Quanto às variáveis, elas acompanharam os reflexos da imobilização do Patrimônio Líquido.

No tocante às variáveis pesquisadas, teve-se a seguinte sequência no impacto dos indicadores que podem afetar o Princípio Contábil da Continuidade: a) Com o mesmo impacto, o valor do dólar em 31/12, no período de plantio, no período da colheita e preço da soja no plantio; b) chuvas no período do plantio; c) produtividade; d) preço da soja na colheita e chuvas no período da colheita.

Conclui-se que, com a execução do presente estudo, todos os objetivos propostos foram atingidos. Por fim, destaca-se que as mudanças socioeconômicas de um país em desenvolvimento têm sido rápidas e radicais e, em face de tais mudanças, as entidades devem cada vez mais estudar o seu patrimônio por meio das técnicas da Contabilidade, permitindo assim ter uma visão de seu futuro.

Como linhas futuras de pesquisa, recomendam-se a ampliação do horizonte de dados (para séries de dez ou mais anos), a ampliação do número de entidades pesquisadas, a comparação entre diferentes regiões agrícolas do país, assim como a realização de estudos quantitativos de corte estatístico, relacionando as variáveis externas com o desempenho da organização.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, A. **Estrutura e análise de balanços:** um enfoque econômico-financeiro. 8. ed. São Paulo, Atlas, 2006.

ATTIE, W. **Auditoria:** conceitos e aplicações. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

BANCO CENTRAL DO BRASIL, **Taxas de cambio**. Brasília, 2007. Disponível em: <<http://www4.bcb.gov.br/pec/taxas/port/ptaxnpeq.asp?id=txcotacao&id=txcotacao>>. Acesso em: 4 ago. 2007.

BRASIL. Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976. Dispõe sobre as sociedades por ações. **Diário Oficial [da] União**. Brasília, DF, 15 dez. 1976. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 25 jun. 2007.

COOPERATIVA DE CRÉDITO RURAL DE LUCAS DO RIO VERDE, Demonstrações Contábeis. **Jornal Folha Verde**, Lucas do Rio Verde, 27 fev. 2003, ano XVII, n. 401, p. 12-13.

_____. Demonstrações contábeis. **Jornal Folha Verde**, Lucas do Rio Verde, 4 mar. 2004, ano XVIII, n. 450, p. 10-11.

_____. Demonstrações contábeis. **Jornal Folha Verde**, Lucas do Rio Verde, 10 mar. 2005, ano XIX, n. 500, p. 10-11.

_____. Demonstrações contábeis. **Jornal Folha Verde**, Lucas do Rio Verde, 9 mar. 2006, ano XX, n. 550, p. 10-11.

_____. Demonstrações contábeis, **Jornal Folha Verde**, Lucas do Rio Verde, 1 fev. 2007, ano XXI, n. 596, p. 16-17-18.

IUDÍCIBUS, S. **Análise de balanços**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

IUDÍCIBUS, S.; MARION, J. C. **Introdução à teoria da contabilidade para nível de graduação**. São Paulo: Atlas, 1999.

LUCAS DO RIO VERDE. Prefeitura Municipal. **Relatório de gestão de Lucas do Rio Verde**, 2007.

MARION, J. C.; DIAS, R.; TRALDI, M. C. **Monografia para os cursos de administração, contabilidade e economia**. São Paulo: Atlas, 2002.

MATARAZZO, D. C. **Análise financeira de balanços: abordagem básica e gerencial**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

REIS, A. C. R. **Demonstrações contábeis: estrutura e análise.** São Paulo: Saraiva, 2003.

SÁ, A. L.; SÁ, A. M. L. **Dicionário de contabilidade.** 9. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS NO ESTADO DE MATO GROSSO. Cuiabá, 2007. Disponível em: <www.ocbmt.coop.br>. Acesso em: 4 ago. 2007.

SÓ NOTÍCIAS. **Preço da soja comercial.** Sinop, 2007. Disponível em: <<http://www.sonoticias.com.br/agronoticias/pesquisa.php>>. Acesso em: 16 jul. 2007.

24HORAS NEWS. **24Horas News.** Cuiabá, 2007. Disponível em: <<http://www.24horasnews.com.br/index.php?tipo=busca>>. Acesso em: 17 jul. 2007.